

Monika Świda

Universidade Jagellónica
de Cracóvia

ULTRAPASSAR A CONDIÇÃO
SEMIPERIFÉRICA – A IDEIA
DO IMPÉRIO ESPIRITUAL
EM FERNANDO PESSOA

A ideia central do pensamento pessoano, o ponto de chegada das ponderações dedicadas à existência nacional (que se reflectem na abordagem dos temas seguintes: decadência, mentalidade e carácter portugueses, nação, pátria, reinterpretações do passado, diagnósticos do futuro, revolução, progresso, língua, literatura, união ibérica, sebastianismo, religião, ressurgimento nacional, imperialismo, civilização), é a ideia do império espiritual de cultura¹, que é um novo sentido atribuído por Pessoa ao Quinto Império do mito sebástico. Este âmago da teorização pessoana é ao mesmo tempo o mais original dos seus contributos para a história do sebastianismo², cuja reapropriação, ao lado da reinterpretação do passado histórico e da construção da nova ‘arte de ser português’ constitui o centro do projecto pessoano.

Os textos analisados neste artigo estão indissociavelmente ligados aos fragmentos pessoanos nos quais se opera uma profunda reinterpretação do sebastianismo, visando a sua instrumentalização em função do mito congregador. Apesar de vestígios de vários projectos³, Pessoa não chegou à realização de uma obra teórica (a não falar da *Mensagem*, na qual a metáfora do Quinto Império encontra-se expressa de uma maneira mais completa e acabada, já que poética) que expusesse a sua interpretação deste mais importante mito português, deixando só os fragmentos⁴. Partindo da análise do imperia-

¹ Cf. J. do Prado Coelho, *Camões e Pessoa, poetas da utopia*, Lisboa 1983, p. 31, e A. Quadros, *A ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos 100 anos*, Lisboa 1989, p. 157.

² Se bem que ostentasse numerosas semelhanças ao reino da saudade proclamado por Teixeira de Pascoaes, cf. M. Świda, *Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes*, “Studia Ibery-styczne”, nr 9/2010, Kraków, s. 265–290.

³ Cf. F. Pessoa, *Sobre Portugal. Introdução ao problema nacional*, [SP], org. J. Serrão, Lisboa 1979, pp. 259–271. No espólio há pelo menos um plano de obra intitulada *Quinto Império*, que havia-de ser uma exposição mais completa da visão pessoana desta problemática, cf. *ibidem*, p. 245.

⁴ Reunidos sobretudo no volume *Sobre Portugal. Introdução ao problema nacional*, mas também noutros: *Pessoa Inédito, Da República (1910–1935), Ultimatum e páginas de sociologia política e inéditos do anexo à tese de Luísa Maria Bernardino de Medeiros de Brito Mendes*. No caso do trabalho reinterpretaivo relativo à ideia do Quinto Império, o conceito básico de toda a ideação pessoana, é ainda mais patente o problema de fragmentariedade, imprecisão e carácter frequentemente contraditório dos textos, que faz com que a interpretação final tenha de ser sujeita ao destacamento arbitrário das ideias que parecem mais relevantes e que se encontram comprovadas noutros textos do autor

lismo histórico, embora de tipos diversos, Pessoa chega ao conceito do imperialismo da cultura, que será adoptado como uma nova estratégia identitária que deixa ultrapassar a consciência da condição semiperiférica de Portugal⁵.

O primeiro assunto deste grupo é a convicção da urgência do renascimento pátrio, que há-de operar-se através do sebastianismo enquanto o único verdadeiro mito congregador. O indício da renascença é, em alguns fragmentos, a revolução que desempenha um papel de rompimento da estagnação, mesmo que por meio da introdução da anarquia. Por esta razão, *a crise é de salvação*⁶. Esta condição de crise, tormenta, anarquia considerada como inevitável é um ponto comum aos escritos de pessoanos e às doutrinas messiânicas – é portanto visível que mesmo refutando alguns elementos essenciais desta tradição, o poeta conserva o esquema geral dos acontecimentos renovadores, valorizando a ideia do despertar da comunidade nacional. Evocando as teorias da Renascença Portuguesa, Pessoa constata a extrema importância da criação duma *Nova Alma Portuguesa*, digna deste *Portugal Novo*⁷ projectado (a necessidade da construção da mentalidade nacional *sobre os alicerces que há*, embora sempre no sentido antipassadista⁸), afirmando a este propósito na retórica próxima da de Pascoaes: *para que possa haver uma política nacional, uma cultura nacional, qualquer coisa nacional, seja o que for, o primeiro passo a dar é espiritual, é criar aquela fonte nacional donde essas coisas, todas, depois inevitavelmente partirão*⁹ – esta é a primeira condição da renovação nacional. Como uma das maneiras de formação duma ideia nacional é proposto conflito das culturas estrangeiras, que tem de conduzir a, através da naturalização de uma ideia estrangeira, o descobrimento da ideia fulcral da nação – é relevante esta dialéctica externo/interno que leva ao mimetismo e sincretismo que caracterizam toda a cultura portuguesa na visão pessoana. Pessoa menciona neste grupo de fragmentos dois assuntos: a falta da cultura nacional, sendo a sua elaboração (e não a renovação) uma das questões mais urgentes, e, paralelamente, a necessidade da acção sobre o psiquismo nacional, entorpecido e inapto para qualquer actividade, tanto na área sociopolítica, como cultural. Estes dois imperativos, o da acção sobre a nação e o da criação da base de actividade da mesma, entrecruzam-se no pensamento pessoano, regulando-se e condicionando-se reciprocamente.

Pessoa presta muita atenção ao pensamento sobre a civilização europeia, tanto do ponto de vista cultural, como sociológico, e sobretudo, da área da filosofia da história. Destaca cinco períodos civilizacionais, sendo o principal critério da divisão a dominante intelectual, espiritual ou até social da época. O primeiro período neste quadro é o de Autoridade, correspondente à Idade Média. A época entre a Renascença

(tais como o último e ao mesmo tempo o único preparado para a publicação, ou seja a *Mensagem*), ao lado da assunção da importância secundária de outras.

⁵ O conceito da semiperiferia, criado por Immanuel Wallerstein, foi várias vezes utilizado no contexto da situação de Portugal por Boaventura de Sousa Santos. Cf. também M. Świda, A “*Mensagem*” pessoana como a tentativa da reformulação da identidade nacional, “Poesia Sempre”, n.º 35, ano 17/2010, Rio de Janeiro, s. 199–212.

⁶ F. Pessoa, *Da República (1910–1935)*, [DR], org. J. Serrão, Lisboa 1979, p. 115.

⁷ *Ibidem*, p. 201.

⁸ *Ibidem*, p. 379.

⁹ *Ibidem*.

e a Revolução, designada como pré-mercantil, é marcada pela substituição da Autoridade pelo Dinheiro¹⁰. O período contemporâneo distingue-se pela substituição do princípio do Dinheiro pela Inteligência (sinónima da Ciência). Após este, equivalente ao apogeu da civilização, regressará a época de Dinheiro e Autoridade, sendo a última a de Força – inegável parece ser o fascínio pessoano pelo conceito da violência (aliás, não é difícil observar nesta visão as reminiscências da ideia do Grande Retorno nietzschiano). O autor rejeita também neste lugar (para não mencionar os textos teóricos de neopaganismo português) a definição da civilização europeia como cristã, propondo a designação de civilização greco-romana ou simplesmente moderna, o que comprova a sua atitude perante o cristianismo e o seu papel na vida actual.

O autor dedica-se ao estudo do imperialismo, aos seus géneros, à sua evolução histórica e ao seu futuro, definindo-o não como *o agrupamento artificial de várias nações em uma só, mas a tendência de toda a nação para converter em sua substância psíquica as outras nações*¹¹ ou, noutro lugar, *àquella grau de actividade a que uma nação attinge quando toma consciencia da sua unidade (seja ella pouco ou muito una) como nação*¹². Há uma divisão do imperialismo em duas vertentes contraditórias, isto é o *universalismo imperialista*, a essência do universalismo, representado por Portugal e França, que o poeta considera justo, e *imperialismo universalista*, representado por Roma antiga e Inglaterra, de carácter nacionalista e dominador, distinguindo-se ainda o universalismo medieval que no caso português uniu o universalismo das descobertas com a exaltação patriótica.

Noutro escrito destacam-se três tipos de imperialismo: o de domínio, o de expansão e o de cultura. Dentro do imperialismo de domínio podemos encontrar vários tipos: unificador (o fim deste é a unificação dos territórios ocupados com a capital), cesarista (que pretende só aumentar a grandeza do seu território) e hegemónico (é o caso da mera necessidade de legitimação da sua existência). O imperialismo de domínio é, segundo Pessoa, o fruto do decadente paganismo grego e romano, devendo ser substituído pelo imperialismo de influência de tipo grego.

O imperialismo de expansão revela-se em três géneros, conforme as condições: a ocupação justificada do território habitado por povos inaptos à criação independente da civilização (o caso do Brasil), que não exclui a escravatura (vê-se outra vez o anti-humanitarismo de Pessoa), a ocupação dos territórios cujos habitantes pertencem a uma civilização degenerada e a ocupação do território dos povos ou de igual modo civilizados, ou pertencentes ao mesmo quadro civilizacional, embora menos guerreiros (neste último caso o imperialismo de expansão passa a ser o de domínio), guiando-se sempre pelo objectivo da implantação dos elementos da própria civilização no mundo inteiro.

No que toca ao imperialismo de cultura, as diferenças em relação aos tipos anteriores residem essencialmente na substituição do domínio material pelo conceito de influência. Portanto, o objectivo do imperialismo de cultura, espiritual, é a criação dos *novos*

¹⁰ As maiúsculas do autor.

¹¹ F. Pessoa, *Ultimatum e páginas de sociologia política*, [PSP], org. J. Serrão, Lisboa 1980, p. 211.

¹² L. Mendes, *O Quinto Império de Fernando Pessoa ou a criação literária em língua portuguesa*, Tese de doutoramento não publicada, Lisboa 2004, p. 368.

*valores civilizacionais para despertar outras nações*¹³, o que faz com que o fim imperial deixe de ser egoísta e que o imperialismo nunca mais seja centrado na nação imperadora (os exemplos deste são a Grécia e o Portugal do tempo das descobertas), embora este se encontre no nível civilizacional superior. Como as condições indispensáveis para a realização do império de cultura, mencionam-se: a existência de uma língua apta de assumir o papel imperial, isto é: *rica, gramaticalmente completa e fortemente “nacional”*¹⁴, a existência de génios literários e, por último, a base material necessária para a divulgação desta língua – o que parece relevante nesta enumeração, é o papel decisivo da língua, que ultrapassa a função do meio civilizacional para se tornar um dos fins da actividade civilizadora, levando à substituição do imperialismo político por o dos gramáticos e poetas, de acordo com a convicção de que a maior conquista que se pode fazer é a de carácter cultural e linguístico¹⁵.

Em relação a este tipo do imperialismo Pessoa admite a possibilidade carácter inconsciente desta actividade – exemplificando as transformações da ideia imperial, evoca o caso da Itália, que tendo gerado o imperialismo cultural (o movimento renascentista) na época da omnipresença do imperialismo de domínio, teve de se subordinar às correntes obrigatórias na época, o que contribuiu para a sua falência. Outro exemplo é o do Portugal das Descobertas, obrigado à mudança do paradigma do seu imperialismo do tipo científico (uma criação original) para o de domínio, o que, por motivo do número insuficiente de habitantes e da falta de experiência militar, se revelou impossível (talvez estes sejam os enigmáticos *três estorvos ao Primeiro Movimento Imperial* que surgem num dos projectos nunca desenvolvidos¹⁶). Num dos escritos pertencentes à temática ibérica, Pessoa apresenta uma interpretação original das Descobertas, concebendo-as como o malogro de Portugal, que, perdendo a independência sob o domínio filipino, se tornou vítima do imperialismo que criou (Pessoa emprega aqui uma metáfora significativa da crucificação de Portugal para as Descobertas). As mesmas razões residem na base da pouca durabilidade e instabilidade do império português, fruto do imperialismo da expansão, e da sua derrota neste campo¹⁷ a favor de Castela, um exem-

¹³ SP, p. 222.

¹⁴ Ibidem, p. 229.

¹⁵ Ainda que, tendo em conta os restantes escritos do autor, se possa concluir que Pessoa, considera a forma mais perfeita do império o de cultura, num dos fragmentos este parece voltar à apoteose de força, admitindo: *todo o verdadeiro Império não visa outro fim senão dominar, pelo mero prazer de dominar; parecendo absurdo, tal é, porém, o anseio fundamental de toda a verdadeira vida, de toda a aspiração vital*, SP, p. 226. Mesmo assim, Maria Irene Ramalho de Sousa Santos julga que Pessoa não podia perceber que o imperialismo, também espiritual nunca deixa de implicar as relações de dominação e dependência, cf. *idem, Um Imperialismo...*, op.cit., p. 57.

¹⁶ SP, p. 234. A exposição destes estorvos foi prevista na terceira parte da obra intitulada *O Quinto Império*, que no espólio, como muitos outros, não passa de alguns excertos, na maioria dos casos sem atribuição.

¹⁷ Pessoa assevera a seguinte evolução histórica dos tipos de imperialismo português: desde o de domínio do tempo dos Descobrimentos, por o de expansão, característico para o século XIX, até à dissolução destes dois que acha operar-se na sua época. De acordo com estas transformações traça o percurso imperial português ao interpretar uma quadra de Bandarra (*Em vós que haveis de ser Quinto / Depois de morto o Segundo...*), importantíssima na tradição sebástica: deste modo o imperialismo português no primeiro período, sob os auspícios de Força, equivale ao tempo de D. João II e de

plo paradigmático do imperialismo de domínio – não obstante, o dever de cada nação não deixa de ser uma realização plena do seu imperialismo específico, mesmo que não haja nenhuma garantia do sucesso.

O próprio conceito de domínio é no pensamento de Pessoa dotado dum sentido duplo, fazendo com que seja possível falar do domínio tanto material, como espiritual. De acordo com esta tese, aos três planos significativos do domínio aplicam-se as três interpretações do Quinto Império, concebido de maneira material, intelectual e espiritual. De ponto de vista do domínio material, o império anunciado já se realizou no Império Inglês¹⁸ (herdeiro dos quatro antecessores materiais: os dois não nomeados, a Grécia e a Roma). No que diz respeito à ordem espiritual, Pessoa especifica apenas três impérios consumados até à actualidade: o de Osíris, o de Baco e o cristão – como se adivinha, ainda dois faltam para o final dos tempos. Quanto à terceira perspectiva, ou seja a dos impérios intelectuais (intelectual como equivalente do cultural e espiritual doutros fragmentos), os quatro impérios do passado são o grego, o romano¹⁹, o cristão (medieval) e europeu, sendo o quinto o anunciado por poeta como *Universal*²⁰.

Na maioria dos casos sob a designação do império espiritual encontram-se os impérios pertencentes na divisão anterior à ordem intelectual, sendo esta especificação mais frequente composta por apenas dois tipos, em oposição evidente, ou seja: o império material, em concordância com a interpretação da profecia de Daniel, composto pela Babilónia, o Império Medo-Persa, a Grécia, a Roma, e a Inglaterra por último, e o espiritual: a Grécia, a Roma, a cristandade, a Europa laica e finalmente o quinto, supostamente português²¹. Num fragmento inédito sublinha-se o facto de, conforme a profecia de Daniel, o Quinto Império dever vir de fora, à maneira da pedra talhada da visão do profeta para romper a continuidade espiritual e geográfica da sequência dos impérios anteriores²².

O imperialismo que o poeta propõe como o meio da realização do império do futuro é de natureza andrógina que se manifesta na fusão das qualidades masculinas (a força) e femininas (a subtilidade) – o que deve ser assinalado por esta ocasião, é o carácter profundamente sintético da ideação pessoana do império, que não só se revela na ideia da união dos valores civilizacionais trabalhados pelos impérios anteriores, mas também na essência do próprio imperialismo, definida como o acto de *converter os outros em nós*

D. Manuel, no segundo ao de D. Pedro II e D. João V, e sendo chamado o Ócio, e o terceiro tempo, o da Ciência, é igual ao Quinto Império.

¹⁸ Também num fragmento inédito o poeta explica que a realização do império português não é possível antes da queda do inglês, cf. L. Mendes, op.cit., p. 333.

¹⁹ Noutro excerto inédito Pessoa afirma que é mais justo falar no império greco-romano, na união da cultura do primeiro e força do segundo, cf. ibidem, p. 340.

²⁰ SP, p. 235. Num inédito Pessoa apresenta a teoria das três ordens da manifestação do ser que correspondem à divisão do imperialismo acima exposta, ou seja as ordens: material, espiritual e divina, cf. L. Mendes, op.cit., p. 338.

²¹ Cf. SP, pp. 246–247. Mendes julga que o império espiritual português não passa da transformação das qualidades dos anteriores, cf. idem, op.cit., p. 255. Num inédito Pessoa enumera também as figuras correspondentes a estes impérios, sendo o quarto identificado com a Inglaterra: *Sócrates, Cesar, Jesus da Nazareth; Molay, D. Sebastião*, ibidem, p. 386.

²² Cf. *ibidem*, p. 350. Noutro fragmento aparecem as propostas destes impérios exteriores à cultura ocidental, tais como Rússia, Japão, China, Estados Unidos ou Índia, cf. ibidem, p. 352.

*mesmos*²³, de *augmentar-se* em vez de ampliar os territórios – estas afirmações estão em concordância com o imperativo da síntese individual, que visa também a criação do Super-Homem do *Ultimatum*. Quanto ao valor civilizacional dum país, afirma-se: *um país vale profundamente na sua civilização pelo grau com que, nacionalizando-os, aprofunda e dá novo sentido aos elementos gerais de civilização, a imprimir-lhes o cunho nacional suficiente para que não se desnacionalize, recebendo-os*²⁴. Em conclusão, Pessoa assevera que para as nações desprovidas de cultura ou as que só dispõem de uma cultura recente, a única possibilidade civilizacional reside na adopção do universalismo, dado que toda a cultura está no estrangeiro, o que comprova o futuro universalista da cultura portuguesa.

Nesta perspectiva o império do futuro há-de ser, acima de qualquer dúvida, um empreendimento de carácter espiritual: *todo o Império que não é baseado no Império Espiritual é uma Morte de pé, um Cadáver mandando*²⁵. O Quinto Império nas teorias pessoanas é, pois, ao mesmo tempo cultural e universal²⁶ – num dos fragmentos opera-se a distinção entre estes conceitos, mesmo que na maioria dos textos sinónimos. O carácter cultural (espiritual) do império visionado faz com que a sua vitória não coloque dúvidas: *criando uma civilização espiritual própria, subjugaremos todos os povos; porque contra as artes e as forças do espírito não há resistência possível, sobretudo quando elas sejam bem organizadas, fortificadas por almas de generais do Espírito*²⁷.

A ideação antiga, tradicional do Quinto Império (tanto a bíblica, como de algum modo também a portuguesa, sebástica) é considerada ingénua por visionar o império material, traduzido no império ultramarino e nacional, para Pessoa igual ao *sectário*²⁸. O que se revela indispensável, é o alargamento do conceito do império e a assunção do seu carácter sintético, resumidor, de onde parte uma nova divisão em cinco impérios conforme a categoria superior da síntese: o Império Grego (a síntese do conhecimento), o Romano (a síntese da herança grega e dos futuros povos formadores da Europa), o Cristão (a junção da extensão romana, da cultura grega e dos elementos orientais, sobretudo o hebraico) e o quarto – o Inglês, que é considerado o primeiro império representante dum novo tipo da síntese por ter resumido em si todos os anteriores e desempenhar o papel do distribuidor da civilização. Noutra texto, como os quatro fundamentos da civilização europeia indica: a cultura grega, a Ordem romana, a Moral Cristã e a política Inglesa, sublinhando a impossibilidade da renúncia de qualquer uma destes componentes em nome de criação da civilização inteira por uma nação (Pessoa emprega para esta situação hipotética, para ele inaceitável, a expressão de *megalomania patriótica*²⁹), ou, noutra divisão, a Cultura Grega, a Ordem Romana, a Moral Cristã e a Universalidade Moderna, sendo esta última a obra da Itália renascentista, do Portugal dos Descobrimentos e da Inglaterra, e designada a Liberdade Europeia. O Quinto

²³ Ibidem, pp. 237–238.

²⁴ PSP, p. 168.

²⁵ SP, p. 225.

²⁶ Até Ángel Crespo interpreta o Desejado como a própria cultura, cf. *idem, Estudos sobre Fernando Pessoa*, Lisboa 1984, p. 59.

²⁷ SP p. 226.

²⁸ Ibidem.

²⁹ PSP, p. 204.

Império, que necessariamente fundirá esses quatro (quaisquer que sejam) com tudo quanto esteja fora deles, há-de formar o primeiro império verdadeiramente mundial, ou universal, que resultará da união dos elementos seguintes: a cultura grega, a ordem romana, a moralidade cristã, o individualismo inglês e o espírito da universalidade, de modo que *a universalização da civilização europeia* seja o objectivo deste novo império³⁰ – é portanto nítido o carácter cultural do Quinto Império pessoano, sendo esta cultura visionada necessariamente universal.

Contudo, no que se refere ao carácter do império, Pessoa evoca as palavras da Apocalipse de São João, talvez imitando o estilo de António Vieira, chamando-o *um céu novo e uma terra nova*³¹ (ainda que noutra texto, salientando o carácter espiritual do império português, fale metaforicamente da conquista do céu – dado que o mar já está domado – e da falta do interesse pela terra³²). O Quinto Império em Pessoa, de acordo com a tradição sebástica, apresenta-se, pois, como a *coincidentia oppositorum*, isto é a união da sabedoria, inteligência e da intuição, misticismo (correspondendo à fusão do material e espiritual, de D. Sebastião e de Papa Angélico na pessoa do imperador), e ao mesmo tempo a junção da Força e do Conhecimento³³.

Parece então que há na ideação pessoana acerca do Quinto Império duas linhas de leitura: uma, mais fiel à tradição sebástica representada pelas *Trovas* de Bandarra

³⁰ SP, p. 148.

³¹ F. Pessoa, *Pessoa Inédito*, [PI], Lisboa 1993, p. 230.

³² Cf. SP, p. 245.

³³ Cf. A. Quadros, *A ideia...*, op.cit., p. 159. As maiúsculas do autor. Há outro contexto para esta designação bíblica do Quinto Império. Nomeadamente, encontramos entre os fragmentos do autor que se referem ao Quinto Império um pequeno grupo de textos que contradizem as asserções sobre a interpretação puramente metafórica do Quinto Império na ideação pessoana. Ao que parece, não é accidental o surgimento destas ideias incompatíveis por ocasião da interpretação das profecias de Bandarra. Num texto em destaque Pessoa fala sobre as duas tentativas falhadas do estabelecimento do império por parte de Portugal, equivalendo a primeira, como facilmente se adivinha, ao império de conquista (o que está de acordo com o resto dos seus escritos), enquanto a segunda tentativa é a da introdução do império de cultura, cuja falha indispensável está na base da construção do Quinto Império de carácter puramente religioso. Será este fragmento só um desvio interpretador que visava a explicação de uma das trovas de grande importância profética? Visto que esta afirmação tem as correspondentes noutros fragmentos pessoanos, como por exemplo neste que introduz a distinção entre o império cultural e universal, revela-se-nos que a visão pessoana do carácter do Quinto Império é dupla: num caso a sua índole é meramente cultural, e noutra a religiosa (cristã) – num dos inéditos Pessoa afirma também, misturando ambas as ordens, que o Quinto Império cultural deve ser religioso. Há excertos que, conforme a tradição, consideram provável o carácter cristão do império futuro e identificam o seu estabelecimento com o segundo Advento de Cristo sob a figura do Adepto Superior, dado o carácter altamente sintético da religião cristã que a predestina para o papel tão importante (embora na maioria dos fragmentos Pessoa pronuncie a convicção dum sincretismo religioso, da profunda identidade de todas as religiões), em detrimento de outros sistemas religiosos como o Islão ou o budismo, porém, a excepção do catolicismo romano que, como numerosas vezes afirma Pessoa, não tem nada ou pouco a ver com o verdadeiro espírito cristão. No entanto, baseando-se na profecia de Nostradamus, prova o autor o triunfo final do cristianismo (admite-se aqui também a possibilidade da criação duma nova religião, mas fora da sucessão dos cinco impérios, visto que também o quinto não será eterno, o que está confirmado também num dos fragmentos inéditos, cf. L. Mendes, op.cit., p. 317). Noutra fragmento aparece também outra reminiscência ao mesmo tempo bíblica e vieiriana, ou seja o nome da Nova Jerusalém, idêntico ao nome da verdadeira Igreja Católica.

e obras do Padre António Vieira, que visa o Quinto Império de maneira tradicional, ou seja como a realização do reino divino na terra, e outra, mais interessante e ao mesmo tempo comprovada pela maior parte dos textos pessoanos, ou seja a que transpõe o império mítico para o nível da criação cultural, compreendido como o novo projecto nacional dos portugueses. Esta dualidade corresponde também a uma das divisões pessoanas de tipos de impérios, ou seja a divergência entre o império material, espiritual e intelectual, sendo o segundo no fundo religioso e o terceiro o da cultura (na maioria dos textos designado como espiritual).

Pessoa procede a análise do estado actual da consciência portuguesa nos termos do conceito da pátria, distinguindo dois tipos de tomada de consciência patriótica, sendo o primeiro, o tradicional, enraizado na continuidade, e o segundo realizado através da criação dum novo conceito de vida, duma nova mundividência nacional. Segundo este diagnóstico, qualquer uma destas espécies de consciência pode ser detectada na sociedade portuguesa do tempo da república, devido à desnacionalização em todos os campos da vida social: *não há Portugal: há uma mistura ignóbil de “estrangeiros do interior”*³⁴. Do ponto de vista ontológico, a pátria é para ele uma *pessoa espiritual*³⁵, transcendendo o conceito do estado (senão entrando em contradição com ele). O carácter imaterial deste conceito da assegura a sua existência de *toda ela dentro de cada indivíduo português*³⁶ – esta interiorização é uma das principais características de toda a ideação pessoana³⁷.

Em vista disso, o dever nacional dos portugueses consta em *fazer tudo [...] para criar uma Pátria Portuguesa criadora de civilização*³⁸, sendo o conceito da pátria em Pessoa *puramente místico*³⁹. Da perspectiva simbólica, a dignidade de Portugal morreu junto com D. Sebastião (a identificação de Portugal com a figura de El-Rei é um dos procedimentos canónicos das teorizações messiânicas): *no sentido simbólico, D. Sebastião é Portugal: Portugal que perdeu a sua grandeza com D. Sebastião e só voltará a tê-la com o regresso dele, regresso simbólico*⁴⁰. Como constata Pessoa, a independência é no Portugal actual aparente e superficial, já que o espírito nacional é todo subjugado ao estrangeirismo, faltando aos portugueses o *conceito missional* de eles mesmos⁴¹, indispensável para a criação do sentimento da *missão civilizadora*⁴² o que leva ao diagnóstico da inexistência do ideal nacional em Portugal. Como a resolução dos problemas de índole social e política, um saneamento da nação, propõe uma fórmula paradoxal de *destruir a destruição*⁴³. Ao mesmo tempo, Pessoa estabelece uma relação de equivalência da obra futura com a aventura dos Descobrimentos:

³⁴ DR, p. 208.

³⁵ SP, p. 125.

³⁶ Ibidem.

³⁷ A mesma ideia de interiorização surge também na obra messiânica de Afonso Lopes Vieira, veja A. Machado Pires, *D. Sebastião e o Encoberto*, Lisboa 1982, p. 100.

³⁸ SP, p. 216.

³⁹ Ibidem, p. 126.

⁴⁰ Ibidem, p. 202.

⁴¹ Ibidem, p. 305.

⁴² PSP, p. 240.

⁴³ PI, p. 347.

o nosso espírito, naquele tempo, tomou naturalmente o caminho das Descobertas marítimas. Em nosso tempo, em que não ha nada que descobrir, pelo menos pela navegação, que caminho deverá tomar? Qual é, em relação ás circunstancias do nosso tempo, a equivalencia das Descobertas? Para ahí, em alimento do nosso espírito e cumprimento da nossa tradição, nos deveremos orientar. Que *ahi*, porém, é esse?⁴⁴.

Está patente a convicção de *não haver ainda Portugal* (a nota ou subtítulo dum dos fragmentos⁴⁵) e do vector futurista de toda a actividade teorizadora de Pessoa. O verdadeiro império português ainda não existe, sendo o dos Descobrimientos só a *antevisão* dele, a *sombra projectada adeante*⁴⁶, já que *o acto dos navegadores foi um acto symbolico, o reflexo no inferior do destino superior de Portugal*⁴⁷, e as Descobertas concebidas como uma *criação absoluta* que deu início ao Mundo Moderno, o que constitui o ponto de partida para a obra futura: *o que somos somos, o que seremos terá de sair do que somos, que não do que poderíamos – se o pudéssemos – ter sido*⁴⁸.

Em relação ao estado actual do país e à sua preparação para o cumprimento do destino civilizacional, o poeta não se ilude: sem obra difícil (mas urgentíssima) de ressurgimento, a assunção e a realização da missão por parte de Portugal não será possível. Salienta contudo o carácter do contributo português para a civilização europeia, sendo a natureza deste cultural: primeiro, de carácter literário (os *Cancioneiros* e romances de cavalaria) e depois, de carácter gnosiológico (as Descobertas, cuja importância é assinalada com uma fórmula paradoxal: *a nossa primeira descoberta foi descobrir a ideia da descoberta*⁴⁹). Quanto à criação do império espiritual, pelo menos uma condição é já cumprida por Portugal: a de ser uma nação pequena sem possibilidade de se tornar uma potência militar nem económica, parecendo, pelo contrário, ter plena consciência da sua condição semiperiférica, o que faz com que, por via desta eliminação negativa, que se chegue à ideia do império cultural⁵⁰, independentemente da inexistência quase total da tradição cultural em Portugal⁵¹.

⁴⁴ PI, p. 232.

⁴⁵ Cf. *ibidem*, p. 311. Portugal existe para Pessoa sobretudo como o projecto futuro; consulte também J. A. Seabra, *Ad infinitum* in: *idem, O heterotexto...*, op.cit., p. 40.

⁴⁶ PI, p. 232.

⁴⁷ L. Mendes, op.cit., p. 318.

⁴⁸ PSP, p. 204.

⁴⁹ SP, p. 223.

⁵⁰ Cf. M. I. Ramalho de Sousa Santos *Poetas do Atlântico: as Descobertas como Metáfora e Ideologia em Whitman, Crane e Pessoa*, “Revista Crítica de Ciências Sociais”, n.º 30, Junho 1990, p. 131, e *An Imperialism of Poets: The Modernism of Fernando Pessoa and Hart Crane*, “Luso-Brazilian Review”, vol. 29, n.º 1, Summer 1992, p. 90. Há nos escritos pessoanos dois significados de cultura – o primeiro, relacionado com a cultura geral, quotidiana, surge nos fragmentos de índole política e social e é pouco valorizado, visto que a cultura geral fundamenta-se na inteligência e não no instinto (cf. *O Interregno. Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal*: DR, p. 320). O segundo significado da cultura é o da civilização universal do espírito – é neste alto sentido que este conceito aparece nos escritos proféticos ou sebastianistas. O que não coloca dúvidas é a definição de cultura, a sua origem conflituosa – já que esta sempre nasce através das oposições, discordâncias, conflitos de valores.

⁵¹ Na opinião do poeta esta carência deve-se à aventura de Descobertas e à acção da religião católica que efectivamente impediram o desenvolvimento cultural que floriu em Portugal na Idade Média.

As justificações pessoais da escolha de Portugal⁵² para a função do motor da criação do império de cultura são duas: a já mencionada, proveniente do império passado que fornece *a indicação inicial neste sentido*⁵³, e a de carácter cultural, já que em Portugal da época contemporânea ao poeta havia pelo menos um génio literário capaz de fazer renascer toda a literatura portuguesa – o poeta parece não ter dúvidas em relação à sua qualidade de grande artista, assim como não as tinha quanto ao seu papel da encarnação nova de El-Rei D. Sebastião. O autor conclui estas reflexões de seguinte modo: *Portugal tem pois condições orgânicas para ser uma grande potência construtiva ou criadora, um Império*, mas logo precisa: *como Portugal, grande potência, está no futuro – ou se se preferir, só pode estar no futuro –, não pode exigir ao presente que o considere por aquilo que ele ainda não é, nem se sabe ao certo se será*⁵⁴.

O projecto do império baseado na cultura universal é com certeza a transposição do projecto do império português e ao mesmo tempo universal, ligado de um lado às viagens ultramarinas, e de outro à lenda do milagre de Ourique e à missão evangelizadora daí proveniente, presente nesta forma na cultura portuguesa pelo menos desde *Os Lusíadas* e enriquecida por Padre Vieira com o mito sebástico⁵⁵. Esta ideia, na qual o português e o universal não se encontram em oposição, mas antes pelo contrário, equivalem-se, constitui a base da teorização pessoal e da sua tentativa da nova narração da nação.

Nesta perspectiva, para Pessoa a nacionalidade não passa de um meio para a universalidade⁵⁶, sendo o ressurgimento da nação uma condição prévia para a construção do império já livre da noção da comunidade nacional – neste sentido afirma ser o objectivo superior *não ter a alma [...] limitada pela nacionalidade*⁵⁷. Passa-se neste lugar à abolição da ideia da nação ao afirmar que ela não é senão o *hábito* e que *a mais antiga tradição de qualquer país é ele não existir*⁵⁸. Deste modo, *a nação [é] a escola*

Em Pessoa esta carência portuguesa que se traduz na inexistência de uma literatura de qualidade é interpretada de maneira positiva já que esta situação faz com que tudo fique por fazer de maneira adequada.

⁵² Num fragmento inédito Pessoa expõe as razões que impedem aos países europeus a aspiração para a transformação no Quinto Império, e assim, a Alemanha, embora tenha na sua cultura as grandes obras musicais e filosóficas, não é capaz de ocupar o lugar dum império de cultura devido à impersonalidade desta arte e a pobreza da literatura que é sempre a mais importante. É todavia a França (*o exemplo máximo de preparação para um império cultural*, L. Mendes, op.cit., p. 353) que poderia ser o império de cultura se não fosse a falta de génios e a estreiteza da língua que faz com que as possibilidades da expressão em francês sejam muito limitadas. Também a Inglaterra tem de se satisfazer com o império de domínio dada a falta do culto da língua, enquanto a Itália, além de ter a língua mais *rhythmicamente* bela e os génios do passado, não se pode transformar no império de cultura por motivo do tradicionalismo e limitações dos italianos modernos.

⁵³ SP, p. 239.

⁵⁴ Ibidem, p. 253–254.

⁵⁵ Cf. E. Łukaszyk, *Terytorium a świat. Wyobrażeniowe konfiguracje przestrzeni w literaturze portugalskiej od schyłku średniowiecza do współczesności*, Kraków 2003, pp. 94–98.

⁵⁶ Com a mesma gradação – de individual, por nacional, até universal – das *Esperanças de Portugal*, por *História do futuro*, até *Clavis Prophetarum* – deparamos na obra do Padre Vieira, cf. *Introdução* de M. L. Carvalho Buescu, in: A. Vieira *História do futuro*, Lisboa 1992, pp. 17–18.

⁵⁷ PI, p. 314.

⁵⁸ DR, p. 321.

*presente para a Super-Nação futura*⁵⁹ e o Quinto Império o efeito da coexistência da pátria e da humanidade⁶⁰. A diferença fulcral entre o império português do passado e o projectado no futuro reside na natureza do ideal por realizar: outrora ele era nacional, concebido como uma realização da grandeza da alma pátria, ao passo que no caso do império futuro o conceito da nação é substituído por o da cultura universal. Assistimos portanto à passagem da índole nacional à fraternidade universal, tendo o carácter sintético do Quinto Império a importância do imperativo que faz com que seja indispensável *quebrar com a ideia de Pátria como entidade oposta a qualquer coisa neste mundo*⁶¹. O objectivo superior de Portugal é a criação da civilização universal – não passando o tom nacional de um meio, de uma condição que há-de ser ultrapassada para a criação do ente de categoria superior, transnacional.

O império esboçado é de carácter imaterial, e como tal não deve ser composto por uma única nação – assim, de ponto de vista do Atlantismo, pode dele constar o Brasil (a *colónia espiritual* de Portugal⁶²), já que a condição linguística, equivalente à a identidade espiritual, é cumprida. O Brasil é também destacado como a única nação fora da Europa (com a excepção dos Estados Unidos) capaz de criar império – dado que os Estados Unidos já fazem parte do Quinto Império material, inglês, a predestinação do Brasil é para Pessoa evidente. Noutro escrito o Brasil é designado o *Portugal Novo* e chamado para o estabelecimento do *Portugal Inteiro*⁶³. A missão imperial da união luso-brasileira tem três vertentes: a virada para a memória da *fundação da civilização universal moderna*⁶⁴ pelos navegadores portugueses; a utópica, extraída da ideia sebastiana do Quinto Império; e como uma espécie da acção espiritual *a crear progressivamente, da tradição em que assenta a razão histórica do Quinto Imperio, e da esperança em que reside a razão religiosa d'elle*⁶⁵. O meio material deste Império projectado é a língua que define o seu *espírito*, não subordinado já à nenhuma ideia política nem religiosa.

O fulcro numa nova ideia do Quinto Império, assim como a condição indispensável das nações que o hão-de criar, é, portanto, a língua portuguesa. A chamada para a criação da *Civilização Máxima* encontra-se inscrita no projecto do Atlantismo (nomeadamente o Atlantismo da Raça⁶⁶): *Foi pelo Atlântico que fomos à procura da glória, à criação da Civilização Maior. É pelo Atlântico, mas em alma e espiritualização, que*

⁵⁹ F. Pessoa, *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, Lisboa 1966, pp. 435–436.

⁶⁰ Cf. J. A. Seabra, *O heterotexto...*, op.cit., pp. 95–96.

⁶¹ SP, p. 178.

⁶² Ibidem, p. 233.

⁶³ Cf. ibidem, pp. 234–235.

⁶⁴ Ibidem, p. 240.

⁶⁵ Ibidem.

⁶⁶ Maria Irene Ramalho de Sousa Santos define o atlantismo pessoano de modo que não parece contextualizado na obra do poeta: *por atlantismo entende-se a ideia, que se constitui na primeira metade do século XX, de que cabe aos países desenvolvidos do Atlântico manter, de acordo com os seus próprios critérios e interesses, o equilíbrio político, económico e militar do mundo. Ouse já, o atlantismo pressupõe a criação de uma comunidade do Atlântico capaz de preservar a supremacia do Ocidente de raça branca num mundo cada vez mais ameaçado pela descolonização e consequente emergência de nações-outras nos continentes africano e asiático*, idem, *Um Imperialismo...*, op.cit., p. 67.

*devemos ir em demanda da Civilização máxima*⁶⁷. Tudo isso não impossibilita a Pessoa a valorização da posse das colónias: em 1934, na resposta ao inquérito de Augusto da Costa tenta evitar a resposta derradeira e inequívoca à pergunta sobre a necessidade do domínio português nas colónias: no início acha-as prescindíveis ao fim superior dum novo império, para na frase seguinte constatar o carácter vantajoso delas⁶⁸.

Em vários lugares da obra anuncia-se a proximidade da vinda do império, o que não estranha já que ele próprio se designou uma encarnação do Encoberto. *O Interregno. Defesa e Justificação da Ditadura Militar em Portugal* acaba com uma frase do género das sorelianas: *É este o Primeiro Sinal, vindo, como foi prometido, na Hora que se prometerá*⁶⁹. O carácter transitório do tempo presente é numerosas vezes sublinhado nos textos políticos e sociais: *a Hora se aproxima*⁷⁰. Para exprimir este início da maior obra portuguesa emprega Pessoa uma metáfora relacionada com a razão da grandeza histórica do passado: *esta é a primeira Nau que parte para as Índias Espirituais, buscando-lhe o Caminho Marítimo através dos nevoeiros da alma, que os desvios, erros, e atrasos da actual civilização lhe ergueram*⁷¹. Num excerto inédito afirma a observação dos *signaes certos da proxima aparição do Encoberto, estando nós já, pela decisão do tempo e do futuro, na aurora da feliz vinda e de El-Rey Dom Sebastião, Nosso Senhor, futuro Imperador do Mundo*⁷².

Em alguns fragmentos insinua-se, em contradição com a tradição sebástica, os limites temporais da existência do Quinto Império, sendo lhe negando o carácter derradeiro e eterno: *pois supomos que não será eterna [a nossa civilização], visto que nada o é neste mundo*⁷³. É igualmente assumida a possibilidade do insucesso imperial: *podemos vir a ter este império não prova, é certo, que viremos a tê-lo; porém se o não pudermos ter é que com certeza o não teremos*⁷⁴, encontrando-se em oposição a todos os tipos do pensamento messiânico, fundamentados na certeza da ocorrência do acontecimento esperado. Como sempre em Pessoa, há também afirmações contraditórias, ou seja, neste caso, as expressões da certeza absoluta quanto ao destino imperial português, que se expressa nas anunciações como *esse futuro é sermos tudo*⁷⁵. Também não há certeza de o país escolhido para a realização da obra do Quinto Império ser Portugal. Independentemente da sua certeza proveniente das profecias e da incerteza do raciocínio da análise sóbria da situação de Portugal, Pessoa afirma o valor do esforço visando à realização da ideia do império, admitindo o carácter vantajoso do próprio esforço:

teremos perdido o jogo, porem ganhando a experiência dele. O esforço de um alto propósito é, de per si, um resultado desse alto propósito, o que se nos acrescenta se grande por pensarmos sempre em grandes cousas é o primeiro efeito dessas grandes cousas. Não se

⁶⁷ SP, pp. 224–225.

⁶⁸ Cf. SP, p. 254. Cf. também M. I. Ramalho de Sousa Santos, *A poesia...*, op.cit., p. 116 e seg.

⁶⁹ DR, p. 328.

⁷⁰ Ibidem, p. 204.

⁷¹ Ibidem, p. 228.

⁷² L. Mendes, op.cit., p. 311. Observa-se logo, outra vez, a evocação heterodoxa do nome reservado ao Jesus para a designação de D. Sebastião.

⁷³ SP, pp. 149–150.

⁷⁴ Ibidem, p. 240.

⁷⁵ Ibidem, p. 245.

poderá dizer que nunca se realiza um alto propósito, se ele chega a ser um alto propósito. Já, com sê-lo, em certo modo se realizou⁷⁶.

Numa análise acima apresentada tentamos demonstrar todo o grupo de ideias que se encontram e se cruzam na interpretação pessoana do conceito do Quinto Império. Como foi assinalado, a ideia do império ao mesmo tempo lusitano e universal faz parte do ideário português desde os tempos medievais. O período máximo da história portuguesa, a época dos Descobrimentos, o único momento verdadeiramente imperial na história portuguesa, está presente na teorização pessoana como uma das provas da predestinação dos portugueses para uma obra ainda mais notável no futuro. Dadas as condições económicas e sociopolíticas que faziam com que qualquer ideia imperialista de tipo clássico no caso de Portugal fosse ridícula, mas também, ou até principalmente, a mundividência pessoana na qual o lugar indiscutivelmente superior foi reservado à cultura, o seu Quinto Império devia ser de natureza puramente espiritual.

O universalismo pessoano também pode ser encarado como o resultado do encontro de pelo menos duas linhas de pensamento: a tradicional, enraizada no universalismo cristão das obras de António Vieira, e de uma outra, que vem dos diagnósticos pessoanos que dizem respeito ao carácter nacional dos portugueses (no qual, num determinado momento, a desnacionalização passa a ser valorizada positivamente pela qualidade do cosmopolitismo, abertura e aptidão para a junção de vários elementos civilizacionais). Reparámos também em duas correntes nas reflexões pessoanas acerca do Quinto Império: uma que se traduz na ideia do império de cultura, que, como já numerosas vezes foi constatado, constitui o mais original contributo pessoano, e a outra, relacionada quase exclusivamente com a leitura e decifração do texto canónico do sebastianismo, ou seja das *Trovas* de Bandarra, que se inscreve na tradição sebástica que identificava o Quinto Império com Reino Consumado de Cristo, todavia sem dúvida heterodoxa pelo aparecimento da figura de Anticristo.

Na bibliografia crítica deparamos com várias abordagens da metáfora pessoana do Quinto Império. Onésimo Teotónio Almeida propõe a interpretação do mito do Quinto Império em Pessoa nos termos do mito soreliano que consiste num lançamento de ideias cujo único objectivo é exercer uma influência, sem pretender iniciar uma acção real:

não importa que o mito seja inatingível, já que, no processo dinâmico deste lá chegar, se operam, criam e realizam actos que seriam impossíveis sem esta tensão. Daí a ideia de recuperar o Quinto Império – mito igualmente *nacional* – transformando-o num império espiritual a fim de parecer possível e ser simultaneamente inatingível. Criar um mito anunciando um novo império material não seria acreditável para ninguém, nem Pessoa achava ser isso sequer um bom ideal para o país⁷⁷.

⁷⁶ Ibidem, pp. 240–241.

⁷⁷ O.T. Almeida, *A ideologia da „Mensagem”*, in: F. Pessoa, *Mensagem. Poemas esotéricos*. Edição crítica, red. J. A. Seabra, Madrid 1993, p. 332. Também Ángel Crespo indica a vertente soreliana do mito sebástico em Pessoa: *O sebastianismo proposto por nosso poeta não é propriamente uma religião, mas uma tentativa de revitalizar um mito destinado a orientar a acção política e cultural da totalidade do povo português, idem, A vida plural de Fernando Pessoa*, Lisboa 1991, p. 377.

Do ponto de vista totalmente diferente, Joel Serrão interpreta o significado do mito do Quinto Império em Pessoa como: *o heterónimo da pátria portuguesa, [que] não é – não podia sê-lo – apenas o enchimento de um mito esvaziado de conteúdo, mas a sua reformulação em termos novos, pelo des-cobrimto da fundamentação cultural em que ele se inseria ou poderia inserir-se*⁷⁸.

Maria Irene Ramalho identifica o Quinto Império com a poesia portuguesa, como a sua realização considerando a *Mensagem* como uma construção poética totalmente subordinada a esta ideia, sublinhando também a ideia da perfeita identificação do poema, poeta e nação:

Mensagem [...] may be said to be one last possible narrative with meaning, meaning itself being the equivocal central consciousness that generates it: the poet – his sense of self as a wholeness and a as integrity shatters by the newest developments of philosophy, psychology, and physics – reasserting himself once again by writing his disappearance back into history, culture and myth⁷⁹.

Evocadas em cima três propostas interpretativas que dizem respeito ao significado da metáfora imperial em Pessoa, referem-se tanto aos fragmentos em prosa, acabados de examinar, como à *Mensagem*. Todas as ideias analisadas neste artigo servem de material de algum modo preparatório para esta obra de importância cardinal, que é a *Mensagem*, na qual todas elas encontram a sua representação simbólica e poética, constituindo tanto o ponto de chegada e a definição da compreensão pessoana desta metáfora emprestada da tradição sebástica, como, ou até antes de tudo, o centro recriado da cultura nacional portuguesa, cuja refundação foi o cerne do projecto pessoano do império universal de cultura.

As ideias pessoanas acerca do Quinto Império, podem ser examinadas de diferentes pontos de vista: o esotérico, o mitocrítico, o político, o sociológico ou ainda o da “psicanálise mítica do destino português”. A metáfora do Quinto Império, retirada do mito sebastianista, igual nesta interpretação ao império espiritual ou império de cultura, é a designação da obra futura dos portugueses cuja característica principal são a universalidade e o acentrismo. O âmago deste empreendimento é constituído pelo projecto cultural pessoano, que abrange não só a totalidade da sua obra, em todas as suas vertentes, sobretudo a heteronímica, mas também a sua vida, denominada por alguns investigadores *a vida-poesia*⁸⁰, fazendo com que tudo isto se inclua no seu projecto existencial. A ideia do império espiritual é um mito soreliano: não é possível a sua exposição exacta, sendo apenas realizável a definição da índole do seu conteúdo, que é cultural, e as suas características, ou seja a universalidade, a transnacionalidade e o acentrismo.

Estas características são as mesmas que segundo Boaventura de Sousa Santos caracterizam a cultura portuguesa, e que foram, na opinião do estudioso plenamente aceite nesta perspectiva, consciencializadas e aproveitadas por Pessoa na construção do mito congregador cujo primeiro objectivo foi o arrebatamento da decadência da nação

⁷⁸ J. Serrão, *Fernando Pessoa, Cidadão do Imaginário*, Lisboa 1981, p. 41.

⁷⁹ Cf. M. I. Ramalho de Sousa Santos, *An Imperialism...*, op.cit., p. 73. e p. 87 do mesmo artigo e *idem, Poetas...*, op.cit., p. 133.

⁸⁰ Cf. J. Serrão, op.cit., pp. 123–140.

portuguesa⁸¹. Deste modo, sobretudo através da escrita da *Mensagem*, Pessoa constrói um novo mito – mesmo que sempre com o apoio imprescindível da história portuguesa e dos mitos nacionais, reformulando-os e recuperando deste modo para uma nova consciência nacional – para que fosse possível o reencaminhamento da energia portuguesa e a conseqüente recuperação da comunidade do mal-estar nacional. Pessoa, instrumentalizando as personagens da história e a mitologia de Portugal (principalmente a figura de D. Sebastião), recria a identidade nacional portuguesa – e para salvar a vertente imperial, tão próxima dos portugueses pelo menos desde *Os Lusíadas*, decide transladá-la ao nível espiritual, abolindo ao mesmo tempo o preconceito da nacionalidade a favor do universalismo. Esta operação não estranha, dado o reduzido valor da cultura portuguesa, por ele próprio diagnosticada na altura como o vácuo⁸².

Este acto de transgressão das limitações da nacionalidade e da tentativa de criação da identidade transnacional, aliás em perfeita conformidade com o carácter português segundo os diagnósticos do poeta, deve ser considerada um empreendimento absolutamente inovador no contexto português, visto que a proposta de Teixeira de Pascoaes, embora também de teor universalizante, apostava sempre no forte sentimento patriótico no sentido tradicional. Podemos, pois, concluir que Fernando Pessoa, sendo um observador agudo da realidade política, social e sobretudo cultural da sua época e, ao mesmo tempo, o visionário fortemente ligado ao seu país escolhido, intentou uma empresa de reformulação da identidade nacional dos portugueses, arrogando-se o papel de D. Sebastião, no que se refere à criação de um novo mito nacional. O efeito planeado desta acção sobre o psiquismo nacional inclui-se na metáfora do império espiritual, que equivale à realização do grande plano da criação da primeira cultura verdadeiramente universal, cujo primeiro elemento foi o projecto cultural pessoano, cujo o desenvolvimento, podíamos arriscar esta hipótese, seria a globalização da cultura mundial, não sob a bandeira norte-americana, mas portuguesa.

Há também neste conjunto de textos vários projectos, que embora frequentemente considerados avulsos por descontinuados ou não suficientemente desenvolvidos, que nos fazem pensar noutras linhas de interpretação – estamos a referir-nos às propostas da criação da federação ibérica, que na ideação pessoana ultrapassa os limites comuns às teorizações do iberismo, dada a finalidade imperial visionada por Pessoa. Esta ideia, ao lado da recriação do *Portugal Novo* sob a forma do reencontro espiritual e a aliança cultural entre Portugal e o Brasil, parece fazer parte do projecto da reescrita da história colonial. Tanto a ideia da união com a Espanha, como os planos em relação ao Brasil, assinalam uma mudança da perspectiva histórica, que se encontra ultrapassada a favor de um novo horizonte, que pode ser designado não apenas como transnacional, mas também transhistórico. A nova era visionada por Pessoa baseia-se na abolição dos padecimentos históricos, marcando a passagem para um futuro fundamentado nos verdadeiros, ou seja puramente espirituais, valores civilizacionais.

⁸¹ Cf. B. de Sousa Santos, *Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira*, “Revista Crítica de Ciências Sociais”, n.º 38, Dezembro 1993, p. 11–40.

⁸² Cf. PSP, p. 132. Boaventura de Sousa Santos fala a propósito da mesma questão do vazio, Cf. idem, op.cit., p. 31 e seg.

Portanto, não apenas a visão pessoal da cultura como universal e transnacional, mas também a ideia da colaboração entre os países baseada a nível do espírito, podem ser consideradas inovadoras, o que faz com que possamos considerar Pessoa não apenas o visionário precoce da cultura global, mas também o das tentativas que tendem para o estabelecimento das relações de cooperação fundamentada no mesmo património cultural, tais como por exemplo os planos de iniciativas comuns, promovidos tanto por Portugal, como pelo Brasil, em relação a todas as comunidades de língua portuguesa⁸³.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA Onésimo Teotónio, 1987, “*Mensagem*” – *uma tentativa de reinterpretação*, Angra do Heroísmo.
- ALMEIDA Onésimo Teotónio, 1993, A ideologia da „*Mensagem*”, (in:) F. Pessoa, *Mensagem. Poemas esotéricos*. Edição crítica, red. J. A. Seabra, Madrid, 329–336
- COELHO Jacinto do Prado, 1983, *Camões e Pessoa, poetas da utopia*, Lisboa.
- CRESPO Ángel, 1984, *Estudos sobre Fernando Pessoa*, Lisboa.
- CRESPO Ángel, 1991, *A vida plural de Fernando Pessoa*, Lisboa
- ŁUKASZYK Ewa, 2003, *Terytorium a świat. Wyobrażeniowe konfiguracje przestrzeni w literaturze portugalskiej od schyłku średniowiecza do współczesności*, Kraków
- MENDES, Luísa Maria Bernardino de Medeiros de Brito, 2004, *O Quinto Império de Fernando Pessoa ou a criação literária em língua portuguesa*, Tese de doutoramento não publicada, Lisboa.
- PESSOA Fernando, 1966, *Páginas íntimas e de auto-interpretação*, textos estabelecidos e prefaciados por G.R. Lind e J. do Prado Coelho, Lisboa. [PIA]
- PESSOA Fernando, 1979a, *Da República (1910–1935)*, recolha de textos M.I. Rocheta, M.P. Morão, introdução e organização J. Serrão, Lisboa. [DR]
- PESSOA Fernando, 1979b, *Sobre Portugal. Introdução ao problema nacional*, introdução e organização J. Serrão, Lisboa. [SP]
- PESSOA Fernando, 1980, *Ultimatum e páginas de sociologia política*, recolha de textos M.I. Rocheta, M. P. Morão, introdução e organização J. Serrão, Lisboa. [PSP]
- PESSOA Fernando, 1993, *Pessoa Inédito*, coordenação T. Rita Lopes, Lisboa. [PI]
- PIRES António Machado, 1982, *D. Sebastião e o Encoberto*, Lisboa.
- QUADROS, António, 1989, *A ideia de Portugal na literatura portuguesa dos últimos 100 anos*, Lisboa.
- SANTOS Boaventura de Sousa, 1993, Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 38, Dezembro 1993, 11–40
- SANTOS Maria Irene Ramalho de Sousa, 1990, Poetas do Atlântico: as Descobertas como Metáfora e Ideologia em Whitman, Crane e Pessoa, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 30, Junho 1990, 113–135.
- SANTOS Maria Irene Ramalho de Sousa, 1992, An Imperialism of Poets: The Modernism of Fernando Pessoa and Hart Crane, *Luso-Brazilian Review*, vol. 29, n.º 1, Summer, 83–96.

⁸³ Mesmo que as ideias referentes à união luso-brasileira se aproximem das teorizações de Agostinho da Silva, não pretendemos evocar este contexto, visto que as ideias pessoais nesta área, assim como em outras, nunca passaram dos esboços, não elaborados, podíamos dizer, utilizando a metáfora do poeta, “lampejos transitórios”.

- SANTOS, Maria Irene Ramalho de Sousa, 1993, A poesia e o sistema mundial, (in:) *Portugal, um retrato singular*, org. de B. de Sousa Santos, Porto 1993, 91–128.
- SANTOS Maria Irene Ramalho de Sousa, 1995, Um imperialismo de poetas. Fernando Pessoa e o imaginário do Império, *Penelope. Fazer e desfazer a história*, Publicação quadrimestral, n.º 15, 53–78.
- SEABRA José Augusto, s.d., Ad infinitum, (in:) idem, *O heterotexto pessoano*, Porto, 33–44
- SEABRA José Augusto, s.d., Fernando Pessoa e a Universalidade da Língua Portuguesa, (in:) idem, *O heterotexto pessoano*, Porto, 93–104.
- SERRÃO Joel, 1981, *Fernando Pessoa, Cidadão do Imaginário*, Lisboa.
- ŚWIDA Monika, 2010a, A “Mensagem” pessoana como a tentativa da reformulação da identidade nacional, *Poesia Sempre*, n.º 35, Ano 17, Rio de Janeiro, 199–212.
- ŚWIDA Monika, 2010b, Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes, *Studia Iberystyczne*, nr 9, Kraków, 265–290
- VIEIRA António, 1992, *História do futuro*, introdução, actualização do texto e notas por M.L. Carvalho Buescu, Lisboa.

Summary

Transgressing the Semi-peripheral Condition – the Idea of a Spiritual Empire in Fernando Pessoa

The purpose of this article is the analysis of the transformation of the idea of the Fifth Empire from the myth of sebastianism in the works of Fernando Pessoa. Taking the advantage of the meaning of the idea of empire in the collective imagination, Pessoa employs it as a metaphor for his own proposal of creation of a spiritual empire, the empire of universal and transnational culture in response to the identity crisis provoked by the self-identification by the national community as a semi-peripheral one. Due to the analysis of the concepts of nation, fatherland, imperialism, civilization, and finally re-interpretation of the various elements of the myth of the Fifth Empire, Pessoa comes to the creation of a new identity proposal for his national community, moving the imperial imagery into the realm of spiritual and recalling in his vision of the empire of universal culture such Portuguese national features as syncretism, mimicry and hybridism (the diagnosis of Boaventura de Sousa Santos).

Streszczenie

Przekroczyć kondycję semiperiferyjną – idea imperium duchowego Fernanda Pessoa

Przedmiotem artykułu jest analiza przekształceń idei Piątego Imperium z mitu sebastianistycznego w dziele Fernanda Pessoa. Wykorzystując znaczenie idei imperium w wyobraźni zbiorowej, Pessoa używa jej jako metafory dla własnej propozycji stworzenia imperium duchowego, imperium kultury uniwersalnej i transnarodowej w odpowiedzi na kryzys tożsamościowy związany z uświadomieniem sobie kondycji semiperiferyjnej przez naród portugalski. Poprzez analizę pojęć narodu, ojczyzny, imperializmu, cywilizacji, a wreszcie reinterpretację poszczególnych etapów i elementów mitu o Piątym Imperium Pessoa dochodzi do stworzenia nowej propozycji tożsamościowej dla zbiorowości, przenosząc wyobrażenia imperialne w sferę czysto duchową oraz wykorzystując w idei imperium kultury uniwersalnej takie portugalskie cechy narodowe jak synkretyzm, mimetyzm czy hybrydyzm (diagnoza Boaventury de Sousa Santos).